



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada de Combro, 38-A, 2.  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: *Talhava* — Lisboa • Telefone 5339  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Lama! Lama! Lama!

A pena acariciadora, terna, que se aplicou ao Liberato

Não é a primeira vez que se dá o facto escandaloso de se rotar a prisão, no Limoeiro, operários, por recar sobre eles a suspeita de bochevistas. De nada servem protestos e razões. Os operários que sob tal suspeita tem a infelicidade de cair nas garras aduncas da justiça só ao fim de trabalhos titânicos conseguem ver o sol da liberdade.

O sr. Liberato Pinto, porém, tem sido tratado com todas as deferências. O sr. Liberato Pinto foi condenado simplesmente a trinta dias de cadeia e doze meses de inactividade com homenagem na praça de Elvas.

Os tribunais, não tinham, portanto, vontade de condenar o tenente-coronel Liberato Pinto.

Nós não podemos admitir, encarando o caso pela para moral burguesa, que um homem como Liberato Pinto seja, condenado apenas a trinta dias de prisão, e um ano de inactividade que há de permitir ao condenado empregar a sua actividade em visitas entusiásticas às esplanadas salerosas de Badajoz.

Será possível que os crimes de Liberato só mereçam uma pena tão leve? Não. Estamos convencidos de que os crimes do tenente-coronel eram grandes, muito grandes, mas atendendo às altas posições (comandante da guarda-republicana e presidente do ministério) que o criminoso ocupou, condescendentes, deixou-se avassalar por uma ternura inexplicável e aplicou um castigo leve, suave, como uma carícia de mulher.

Assim, o público calcula a gravidade dos crimes cometidos pelo sr. Liberato, pela pena acariciadora que lhe aplicaram. E fica sabendo que se Liberato Pinto não tivesse sido presidente do ministério, dirigente da nação honrada, depois de ter praticado os seus crimes, teria sido condenado à pena máxima.

Nós já sabemos o que era a justiça burguesa. Roubaste muito? Fizeste uma fortuna à custa de tranquiéberias? Serás bem tratado, terás nos breves dias de prisão, criados para te servir.

E's ignorado? És sobre ti uma simples suspeita? Serás condenado a uma pena pesada, formidável. Sofrerás, gemerás, verás tens filhos morrendo de fome, empenhar-te hão a mobília para pagamento de multas e custas de processo.

O sr. Liberato Pinto venceu. A imoralidade, tornou a sair triunfante numa sociedade imoral é injusta. O sr. Liberato Pinto arrecadará a sua fortuna ganha, ganha, ganha como?

Como podemos nós dizer de que forma conseguiu o sr. Liberato Pinto fazer fortuna, se ele nunca foi obrigado a dizê-lo, se ele não precisa dar-nos satisfações da maneira irregular como a obteve, mas apenas arrecadá-la e gozá-la, olhando nos desprezivelmente do alto dos seus contos... de réis e da sua pena... fingida?

A justiça, o governo e a república, enlamearam-se na lama que cobria o criminoso. Só resta que o regime se afogue completamente na lama dos cinquenta milhões de dólares.

Seja-nos permitido dizer, para remate das nossas apreciações e para satisfação da vontade quasi irreprimível de dar a tudo isto o seu verdadeiro, o seu portuguêsíssimo nome:

Lama! Lama! Lama!

## Falta de luz

Em virtude dum desarranjo no cabo condutor da electricidade, fomos condenados a fazer o presente número de *A Batalha* a luz de petróleo.

Fique isto como justificação das deficiências que o leitor encontre.

## As Juntas de Freguesia

tratam das questões do pão e do inquilinato

Sob a presidência do sr. João Graça, reuniram-se ontem à noite, nos Paços do Concelho, as Juntas de Freguesia de Lisboa, a fim de se ocuparem da questão do inquilinato.

O sr. Benigno de Carvalho protesta contra a ideia de se adoptar três tipos de pão, entendendo que uma comissão procure o governo a fim de lhe pedir que mantenha os actuais tipos ou se os modificar não seja elevado o preço.

O sr. Filipe Ribeiro diz não lhe repugnaria a adopção dos três tipos, o que entendia era que não fosse grande a diferença dos preços para evitar fraudes.

O sr. Carlos Fernandes dos Reis entende que se deve pedir um só tipo de pão em Lisboa e Porto e nesse sentido formula proposta que é aprovada por maioria.

O sr. Raúl Ventura dos Santos apresenta a moção seguinte que justifica: Considerando que compete às Juntas de Freguesia o defender e zelar, tanto quanto possível, pelo bem estar de todos os parquinhos;

Considerando que o problema da habitação está actualmente servindo de jogo com os parcos salários da pobreza da capital;

Considerando que senhores há que, para satisfazerem as suas anulações capitalistas, estão desafortunadamente sugando as algebras dos inquilinos incautos, com aumentos excessivos das rendas de casa, o que é contrário ao que dispõe o art.º 103 do decreto 5411 de 1911;

Considerando que não só sugam o pobre inquilino, mas também defraudam o Estado no que diz respeito a contribuição e imposto do selo;

Considerando que também há senhores que para melhor negociarem com as suas propriedades oferecem aos inquilinos grandes quantias para assim o subornarem e quando o não conseguem tentam por qualquer forma o despejo, o que é contrário ao n.º 107 do mesmo decreto;

Considerando que também existe na capital sub-arrendatários, alugadores de quartos e empresas que encapotaadamente negociam, proibido pelo artigo 112 do mesmo decreto, os quais tem ultrapassado os senhores nos negócios o que por isso merecem a nossa reprovação;

Considerando finalmente que há entre uns e outros, excepções que são raras, e que esses merecem o nosso respeito e consideração;

As Juntas de Freguesia de Lisboa, reunidas nos Paços do Concelho, resolvem:

1.º Pedir ao chefe do governo que faça cumprir rigorosamente a sua Lei do Inquilinato.

2.º Que faça entrar imediatamente na ordem, punindo rigorosamente todo aquele que com manifesto desprezo pelas leis da república, estão enchendo os seus cofres de ouro à custa do desgraçado povo.

3.º Que enquanto o governo não tomar as providências que o caso requer, as Juntas de Freguesia se coloquem, incondicionalmente ao lado de todo o inquilino que tente defender-se dentro da lei, contra qualquer despejo ou suborno facilitado-lhe tudo quanto estiver na sua jurisdição.

O sr. José Sequeira apresenta a proposta do teor seguinte:

«Em vista da forma gananciosa e desumana como os senhorios se estão conduzindo, aumentando constantemente as rendas dos seus prédios, pondo assim em condições alijivas a população de Lisboa, proponho que as Juntas de Freguesia iniciem um forte movimento com base num comício publico, a fim de que pelo menos se faça cumprir a actual lei do inquilinato, que até certo ponto confere direitos aos inquilinos e que estes devem fazer cumprir.»

O sr. Salvador de Carvalho propõe que se nomeie uma comissão para apresentar as bases para a constituição de uma associação do inquilinato dando às Juntas começo à propaganda nas respectivas freguesias, para aquele fim. Estas propostas são todas aprovadas depois de largamente apreciadas.

O sr. Raúl Ventura dos Santos propõe uma saudação à imprensa da capital que tem tratado da questão do inquilinato defendendo os direitos dos inquilinos, sendo aprovada por aclamação.

## O caso do Centro

Almirante Reis

Efectua-se hoje o funeral da vitima

Sob a presidência do juiz auxiliar dr. sr. Alfredo Portugal, servindo de peritos os drs. srs. Ferreira Marques e Teixeira Bastos, effectou-se ontem, no Instituto de Medicina Legal, a autópsia judicial do cadáver do carterio Virgílio dos Santos Clara, que há dias, conforme largamente noticiámos, foi ferido com um tiro de pistola no quintal do Centro Almirante Reis, na rua do Terreiro, sendo a causa da morte ferida por arma de fogo penetrante na cavidade abdominal.

O seu funeral effectua-se hoje, pelas 16 horas, para o cemitério do Lumiar.

## Uma família envenenada

O chefe já faleceu, estando em gravíssimo estado os restantes membros

João José Folgado, de 54 anos, trabalhador do Parque Eduardo VII, casado com Ana de Jesus Costa, de 42 anos, de quem tem dois filhos, Maria José Folgado, de 18 anos, operária da fábrica de tecidos da firma Carlos Telhado, em Bemfica, e Alvaro Folgado, de 17 anos, trabalhador num forno de cal da Ponte Nova, todos naturais de Tortozendo, concelho da Covilhã, e residentes na Cruz das Oliveiras, Ilha Amarela, n.º 19, à Serra de Monsanto, saiu antemão do seu trabalho e dirigiu-se a casa, onde, cerca das 20 horas, juntou na companhia de sua mulher e filhos.

Meia hora depois de ingerirem a refeição, que constava de arroz, bacalhau com batatas e vinho, começaram todos a sentir-se muito aflitos com vômitos e violentas dores no ventre que lhes provocavam gritos alijivos, dando isto ocasião a que algumas vizinhas e dois soldados do Forte Monsanto ali comparecessem, tomando estes a deliberação de se dirigirem à esquadra de Alcântara, onde contaram o ocorrido.

Só às 5 e meia da manhã compareceram no local o guarda n.º 1836 e um auto da Cruz Vermelha, encontrando-se já a essa hora agonizante o chefe da família, e em estado bastante desesperado os restantes intoxicados, não conseguindo nós, apesar de empregarmos todos os esforços, saber a quem se deve a grande morosidade dos socorros num caso desta natureza.

Conduzidos as vítimas ao hospital de S. José, foram imediatamente tratados, recolhendo depois em estado gravíssimo a várias enfermarias.

O chefe da família, faleceu momentos depois de entrar na cama n.º 5, da enfermaria de S. José, sendo o cadáver removido para a casa mortuária do mesmo estabelecimento onde aguardará a sua remoção para a morgue, a fim de ser autopsiado judicialmente.

O azeite, o arroz e as batatas tinham sido comprados no sábado passado num armazém regular nas proximidades do Parque Eduardo VII, estando perfeitamente averiguado que não foram estes géneros que provocaram a intoxicação, visto que já não era a primeira vez que os ingeriam, havendo suspeitas que fosse o bacalhau, comprado a Francisco Barata, operário de uma fábrica de chitas na Ponte Nova, que vende clandestinamente esse peixe, ou ao vinho comprado na taberna de uma tal Eliázi, sita na Ilha Amarela, que provocaram o envenenamento.

A políela, os tribunais e as prisões, em vez de prevenir e curar o crime, fomentam-no e desenvolvem-no, o que aliás lhes é vantajoso; e mesmo nos actos francamente antisociais, só se severidade para os pobres, mas passividade para os ricos e influentes. — Neno VASCO.

## CONFERENCIAS

### «O Ideal em marcha»

Sobre este tema realiza no próximo dia 22 do corrente, pelas 21 horas, uma conferência do nosso amigo Gonçalves Correia na sede da Associação dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 255, 1.º, e a convite da mesma.

O conferente aceita a contradição seja de quem for, dando absoluta liberdade aos seus contraditores para discutirem as suas afirmações.

## Os cincoenta milhões

O banqueiro, *escribo*, Pedro de Ar. tiço, que entrou no grande conto do vigário conhecido vulgarmente pelos cincoenta milhões, foi ontem preso.

Consta, porém, que não se assustou com a sua prisão pelo facto de ter visto a maneira delicada como foi tratado o seu colega tenente-coronel Liberato Pinto, conhecido também como honrado, honestissimo, incontestavelmente seriíssimo cavalheiro de industria.

## REVULSIVOS

### Essa grande vigária

Das milhões americanas há pouco, o *Noticias*, disse: Ser um timo, um torpe engano, Uma enorme farsalésia.

Disse mais esse jornal que é um feudo de tuncantes Este pobre Portugal.

E assim e era antes Do nosso grande Pombal.

Arma, após, em conselheiro, Da sentença a granel, Sendo, em parte, verdadeiro, Indo bem no seu papel Contra o bando aventureiro.

Certo é que não pica Quando a tempo de o fazer... Porque vai que se calou, Já bem feito de saber O que há dias nos contou ?!

Feito o mal resta agora, Pois o crime a tanto obriga, Ou os galos barra fora, Ou na quinta da Formiga, Toda a vida a uma nora.

J. B.

## Incêndio numa fábrica de cortiça

Declarou-se, ontem, a tarde, um violento incêndio na fábrica de cortiça da firma Quinteiro & Nunes, do Barreiro. Comprometeram no local os bombeiros da União Fabril.

## Neno Vasco

Passa hoje o aniversário da sua perda irreparável

Neno Vasco é um nome querido entre os operários conscientes. Faz hoje precisamente um ano que a sua morte arrancou o seu nome da obscuridade para o enfileirar ao lado dos nomes dos maiores pensadores libertários do mundo inteiro. O primeiro aniversário da sua morte perturba-nos, faz-nos tremer a pena, como no momento em que nos anunciaram a sua perda irreparável.

A sua pessoa era modesta. Nunca se serviu do reclamo, do ruído forçado nas gazetas para atrair as atenções sobre o seu talento verdadeiro, incontestável. Viveu quasi ignorado, entre a admiração e assombro de meia dúzia de amigos que o conheceram, que avaliaram de perto os sacrificios sutis que em nome do seu ideal



Dr. Nazariano de Vasconcelos (Neno Vasco)

de beleza, a si próprio se soube impor.

Nós que estas linhas hesitantes vamos traçando, cumprindo esta obrigação jornalística de recordar a sua moral inmaculada, sentimos que Neno Vasco está acima de todos os adjetivos sinceros que empregamos para reforçar o seu valor; sabemos que o seu valor é grande, é tam alto que está acima de todos os adjetivos.

Queríamos que a nossa arte sobresse desenhando, com nitidez, figuras gigantescas, para dizer que Neno é maior do que essas figuras de pureza fantástica.

Mas as nossas transigências intimas com o meio corrupto, avassaladoramente corrupto, que nos rodeia tornam-nos indignos de lhe tecer elogios. Desejariamos que a sua obra de pureza, como sociólogo, como literato e como poeta por, todos fosse compreendida para aliviar os nossos cérebros mesquinhos, junto dos seus, da pesada tarefa de dizer que Neno Vasco era grande pelo sentimento, pelo saber e pela arte.

Recordamos hoje a sua perda, lamentando que ainda não pudesse ser substituído.

Aquilo a que o burguês chama *Pátria* é, sem tirar nem pôr, o Estado, isto é, o conjunto das instituições políticas, económicas e políticas — da oligarquia dominante, o território, de limites convencionais e variáveis, sobre o qual exerce o domínio político e económico dessa oligarquia. — Neno VASCO

## Vítima de explosão

Numa drogaria, na rua de S. Miguel, n.º 19, deu-se ontem uma explosão de gasolina, resultando ficar muito queimado no rosto e mãos o caixeiro do referido estabelecimento, Francisco José Machado, natural de Lisboa, e residente na calçada de S. Vicente, 45, 1.º, o qual recolheu à enfermaria de S. Sebastião, no hospital de S. José.

## Grupo Dramático e Musical Solidária da Construção Civil

Como noticiámos, realiza-se no próximo dia 24, na Academia Recreativa de Lisboa, a festa de confraternização operária promovida pela comissão de melhoramentos do Grupo Dramático e Musical Solidária da Construção Civil, revertendo o produto a favor do seu cofre, o qual se encontra inabitado a satisfazer as despesas necessárias. Será levado à scena o drama social em três actos *«A Greve»*.

Não há poder que renuncie, não há classe privilegiada que abdique, não há organismo que se suicide, ou mesmo que se deixe matar sem resistência — a não ser que esteja moribundo. — Neno VASCO.

## CRONICAS DE HAMON

## A Pequena «Entente»

Quando em 1917 a revolução russa por um lado, Wilson por outro, lançaram a famosa fórmula sobre o direito que tem os povos de dispor livremente dos seus destinos, pronunciaram ao mesmo tempo a sentença de morte do sistema de alianças e anunciaram o advento duma federação dos povos. Era esta com efeito a consequência necessária da realização deste principio democrático. Demonstrou-o em 1916 em algumas das minhas conferências no Birkbeck College, com as quais formei o volume intitulado *As lições da guerra mundial*.

E era forçoso que assim fosse. Todas as massas populares por instinto o sentiam, e os democratas inteligentes assim o compreendiam. Mas estes não eram os dirigentes. E os dirigentes, conservadores atrasados, capitalistas obtusos, velhos cabeçudos viram nisto fantasia de sonhos vãos. E encarneceram-se então em impedir a realização da Sociedade das Nações para manterem o sistema de alianças e a política da balança das potências.

Esta política aparentemente, era favorável aos capitalistas, porque fargava a manter os exércitos, os armamentos e num momento dado a desencadear uma guerra, e tudo isto era favorável a uma ampla colheita de riquezas. Mas esta política só aparentemente é que era favorável aos capitalistas, porque vinha cavar cada vez mais o abismo, onde desapareceriam as riquezas nacionais, o que arrastava consigo o desenvolvimento do descontentamento crescente das massas cujo termo lógico será a revolução arruinando os actuais capitalistas.

Mas enquanto se aguarda este final lógico que talvez só daqui a uma ou duas décadas sobrevirá, é necessário viver e organizar a vida. Seja como for. Por isso quando durante o ano de 1919 a conferência da paz sob a auspícios de Lloyd George auxiliado pela casmurria, senil de Clemenceau se orientou no sentido conservador e anti-democrático, os poucos democratas inteligentes que dela faziam parte — delegados das nações que nasciam para a vida independente — viram bem depressa onde os conduzia a política franco-britânica. Viram a falência dos «Grandes cinco» e dos «Grandes três». Dois deles mo disseram em Abril de 1919, quando eu ainda punha todas as esperanças no triunfo da política de Wilson. Então os srs. Masaryk e Benes, dois estadistas de valor e são tam raros no pessoal dirigente do mundo actual — souberam criar na Europa Central um sistema de aliança que pudessem um pouco fazer frente aos desígnios de hegemonia dos capitalistas anglo-britânicos e franceses.

## A propósito da organização de um partido operário

Fala-se algures em montar um «partido operário» no Brasil.

Não sabemos ainda qual seja o seu programa por completo ou mesmo se o terá. Mas sabemos que adoptará a táctica eleitoral e desconfiamos bem que seja simplesmente um grupo todo consagrado às intrigas eleitorais, trazendo a discórdia para o movimento operário, estorvando a constituição natural e gradual do verdadeiro partido do trabalho.

Porque evidentemente o nome de «partido operário» é usurpado e abusado. Só pode haver um partido operário: aquele que possa admitir em seu seio todos os operários e só os operários, baseando-se sobre os interesses comuns a todos e por todos compreendidos ou sentidos. Para isso é preciso achar-lhe um sólido terreno de acção.

A base do acção não pôde achar-se nos interesses e ideais indecisos, contraditórios e pouco compreensíveis da política e da religião. É um facto que o acordo não existe nesses pontos, nem teria uma base segura sobre que assentasse.

A política parlamentar, por exemplo, divide os operários que de política se ocupam, em duas facções bem distintas: a dos partidários e a dos inimigos da acção eleitoral e parlamentar. E entre os primeiros produz ainda rivalidades de partido, de candidatos, de pessoas, as mesquinhas intrigas que formam na feira eleitoral.

Um partido político não é exclusivamente operário. Embora se proclame fundado sobre a luta de classes, admite em seu seio aspirações, tendências e hábitos mais ou menos estranhos à vida operária, e que podem ser legítimos e legitimamente integrados nas reivindicações do partido, mas que podem igualmente adquirir uma perigosa preponderância. É neste sentido, o parlamentarismo é muito capcioso — os factos ensinam — de canalizar férteis movimentos pelas vias escuras e tortuosas das ambições pessoais...

A única base de acordo existente e possível para o «partido operário» são os interesses económicos comuns a todos os trabalhadores. Só eles são susceptíveis de agrupar, de solidarizar os operários que lutam pela sua emancipação, os activos, os conscientes. Muito mais facilmente do que quaisquer princípios políticos, eles podem chamar à acção, ao movimento, os elementos inactivos e indiferentes, que não compreendem os ideais políticos ou que não dariam um passo por uma táctica determinada.

Certamente, o verdadeiro operário não baniria da sua actividade a luta política: baniria unicamente as tácticas políticas que dividem o proletariado, devolvendo-as aos respectivos partidos, pelos quais os operários se acham repartidos, em companhias mais ou menos numerosas de burgueses, semi-burgueses, literatos e idealistas...

Faria como em religião. Embora inconfessional em matéria religiosa, não deixaria por isso de combater os padres, colocados ao lado dos patrões, ou fundadores de associações operárias destinadas a desorganizar o proletariado e a embargar a sua marcha. Do mesmo modo, embora neutral em política, não deixaria de lutar, no terreno em que todos estão de acordo contra as arbitrariedades governamentais e políticas, contra a intervenção da autoridade política nas greves, nos conflitos

O seu fim era assegurar a paz, visto não se criar para tal uma Federação das Nações. A criação destas alianças era tarefa dura e de fogo. Era necessário o torna-las mais leveis que desse a cada um a aparência de que podiam livremente desenvolver os seus desígnios imperialistas. A Roménia e sobretudo a Iugoslávia ainda os tinham.

Era necessário também não descontentar a «entente» Franco-Britano-Italiana, o que era difícil, pois que na realidade a aliança era feita contra os fins que as ocultas visava a «Entente». E por outro lado era também necessário contar com a Rússia. A «Pequena-Entente» — assim se chamava a aliança Tchecoslovaca e Iugoslava — posto que pela sua existência e pelos seus fins pacíficos fosse favorável à Rússia e ao seu governo, era absolutamente oposto aos desejos dos capitalistas ocidentais. A «Pequena-Entente» só podia ser completa com a adesão da Polónia. E a Polónia, ou por vontade ou pela força era compêlida a caminhar na órbita política da França.

Esta complexidade de interesses fez com que os promotores da «Pequena Entente» tivessem que trabalhar durante dois anos para a realizarem.

Mas eis-a em pé, e apesar de tudo sólida, porque corresponde à vontade e ao instinto dos povos. Precisa fortificar-se ainda fazendo por um lado entrar no seu seio a Bulgária, os Estados Bálticos e por outro ligar igualmente cada um dos contratantes — o que se não dá ainda.

Desta desigualdade contratual resulta um leve perigo quando atentamos na Iugoslávia e um perigo um pouco maior quando encaramos a Polónia. A política deste país é com efeito determinada no Quai d'Orsay, por um grupo de diplomatas de negócios, que só sonham em acumular riquezas, cujo pagamento se fará à custa de vidas dos camponeses polacos e doutros proletários, o que para eles é coisa desprezível. É provável que sob a pressão das condições económicas e sob a direcção de homens de estado verdadeiros democratas como Masaryk e Benes, a «Pequena Entente» pouco a pouco se transformará numa força sólida, capaz, numa certa medida, de suprir a Sociedade das Nações, assegurando a paz no Centro Europeu e obrigando os capitalistas ocidentais a terem um pouco em conta a vontade dos povos do Centro da Europa, até ao dia em que a fatal derrocada social der a palavra às massas populares.

Augustin Hamon.

## RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

### Pessoal dos Telefones

A comissão de melhoramentos da Associação de Classe do Pessoal dos Telefones, veio à nossa redacção para nos participar que tendo desde Maio último entregue à administração da Companhia dos Telefones as suas reclamações de aumento de salário, até hoje ainda satisfação alguma obteve.

Alga a Companhia não ter verba para aumentar o pessoal. Mas observa-se que os constantes aumentos da tabela dos assinalantes, devem já ser de sobra para o pessoal seja remunerado convenientemente.

O Sindicato respectivo procurou o ministro do Comércio para este dizer da sua justiça, visto que o governo tem junto da Companhia um delegado.

Mas acontece que a comissão daquela Associação tem já procurado todos os ministros que o comércio tem passado e a resposta ou decisão do governo — foi sempre o nada.

É motivo para perguntar para que serve o delegado do governo junto da Companhia, para se saber se a Companhia só pretende auferir os lucros que lhe apetece, à custa dos seus subscritores — enquanto o pessoal vegeta com salários que chegam apenas para morrer de fome.

## FACTOS DIVERSOS

O paquete *Almansora*, que se encontrava ancorado em frente do Posto Marítimo de Desembarque, levantou o ancorado às 16 horas, em direcção ao porto inglês de Southampton, a fim de dar entrada numa doca seca, para se verificar se do seu desengancho em Espichel resultou algum dano no casco. Foi aprovado o novo regulamento do Montepio Ferroviário de Moçambique.

### União de Grupos de Barbeiros

Reunem hoje, às 21 horas, no local de costume as comissões especial e do Grupo Unico. A reunião geral é amanhã à mesma hora.

### Vários desastres

No banco do hospital de São José receberam curativo António Pereira da Sousa, de 25 anos, marítimo, natural de Lisboa, residente na rua Vicente Borge, 59, 2.º, que caiu de uma fragata em Casilhas, ficando ferido na cabeça.

— José Barbosa Guimarães Lima, de 67 anos, proprietário e residente na rua Sociedade Farmaceutica, 24, 1.º que no Rossio caiu de um eléctrico, ficando ferido na cabeça.

— Augusto Marques da Costa, de 24 anos, industrial e residente no pátio do Colégio, 7, que na rua dos Cavaleiros caiu de um cavalo, ficando ferido e contuso pelo corpo, e João Ferreira Barreto, de 42 anos, hortelão natural de Aveiro, e residente na rua do Ariário, quinta do Bacalhau, que na rua da Praça da Figueira também caiu de um cavalo, ficando ferido na face direita.

Na enfermaria de Santo António, do hospital de São José, deu ontem entrada Arménio Baptista Mota, de 13 anos, empregado num escritório na rua Ivens, 53, e residente na rua Nova do Carvalho, 71, 4.º Esq., que na rua Garrett foi atropelado por um automóvel que conduzia o comandante da Guarda Nacional Republicana, fracturando a perna direita.

### Operários!

Só com uma sólida organização sindicalista, podeis melhorar a vossa situação económica.

## Partido Nacional Africano.

Reúnem hoje, respectivamente, às 15 e 22 horas o Conselho Jurídico e a Junta Central do Partido Nacional Africano.



